

O LEOPARDO, OU A ÉTICA DA COMPAIXÃO

Luiz Carlos Bresser Pereira

Comentário ao filme e ao livro *O Leopardo*, em debate promovido pela Sociedade Brasileira de Psicanálise e a Cinemateca Brasileira, São Paulo, 12 de novembro, 1998. Publicado em *Ide*, n°.32, maio 2000, revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Quem assiste ao filme de Visconti ou lê o original de Lampedusa sabe que está diante de duas obras-primas. Mas o que explica o extraordinário prestígio dessa obra dupla? Porque queremos sempre rever o filme? Por que *O Leopardo* será tão constantemente reeditado em tantas línguas? Segundo uma matéria do *The Economist* (24.10.1998), são vendidos anualmente cem mil exemplares do livro. E por que esse permanente interesse pelo filme, que foi há alguns anos reeditado em sua versão completa, que dura quase quatro horas? Será simplesmente porque estamos diante de um dos grandes romances deste século, ou de um dos maiores filmes da história do cinema? Será apenas pelo valor artístico da obra, ou haverá algo a mais que fascina a todos nós?

Como toda obra de arte, há muitas formas de interpretar *O Leopardo*. A mais óbvia é pensá-la, no plano político, como a análise de um episódio histórico: o da transição do poder, na Sicília, da aristocracia proprietária de terras para a burguesia liberal, e a cooptação desta por aquela. Mas talvez seu segredo esteja no plano ético: em apresentar um personagem excepcional, o príncipe de Salina, que nos faz pensar no sentido da vida, que nos obriga a distinguir os homens e mulheres diferenciados dos comuns, sem cairmos no risco do super-homem, mas pensando no conceito de compaixão. Examinarei em seguida estes dois aspectos.

ADESÃO OU COOPTAÇÃO?

No plano da política *O Leopardo* ficou célebre pela frase do sobrinho do Príncipe, Tancredi, que, ao aderir aos revolucionários, afirma: “se queremos que tudo fique como está é preciso que tudo mude”. No filme esta frase é transcrita nos seus próprios letreiros. E este paradoxo se tornou uma espécie de símbolo do conservadorismo de Lampedusa e do seu príncipe. Na verdade, não há necessariamente conservadorismo na frase paradoxal; existe ou cinismo, como é o caso de seu autor, o encantador oportunista que é Tancredi; ou desilusão misturada com um certo alívio, como é o caso de D. Fabrizio, o príncipe de Salina, ao verificar que o sobrinho estava certo. Sua avaliação da situação da Sicília, ou, mais amplamente do Reino das Duas Sicílias e da dinastia Bourbon, é a pior possível. À sua volta ele só vê corrupção e decadência. Por isso gostaria que algo mudasse. Que a revolução liberal representasse algum avanço. Mas, ao mesmo tempo, se sente aliviado, porque assim estará preservada sua posição e a da sua classe aristocrática.

A conversa do príncipe com Russo é muito significativa a respeito. Afirma o arrendatário: “Tudo vai melhorar... os homens honestos e habilidosos poderão progredir. O resto ficará como dantes”. O que leva D. Fabrizio a pensar: “afinal esses liberais do campo queriam, apenas, poder enriquecer mais facilmente. Era tudo... Vocês não querem aniquilar a nós, os vossos ‘pais’. Querem apenas tomar o nosso lugar. Com doçura, com boas maneiras...”. Em outras palavras, a burguesia aumenta sua riqueza e poder, o mercado vai sendo liberado, a democracia dá seus primeiros passos, mas as propriedades da aristocracia continuarão a ser respeitadas e a monarquia será mantida, enquanto deixa de ser absoluta para ser parlamentar.

Não é verdade, porém, que nada mude. Ou melhor, só é verdade para o pessimismo intrínseco do príncipe Lampedusa e de sua criação e alter-ego, o príncipe de Salina. O mundo muda, a Sicília está mudando, mas muito mais de vagar do que os revolucionários pretendem. Muda sem aparentemente nada mudar, porque rapidamente os derrotados da véspera aderem aos vitoriosos de hoje. Com isto as elites se ampliam. O excedente econômico, que está crescendo, deve ser dividido entre um número maior de pessoas ou de famílias. À aristocracia soma-se, agora, a burguesia. O príncipe percebe este fato com tanta clareza quanto amargura. Seu comentário, na partida do senhor Chevalley, é terrível: “Nós fomos os Leopardos, os

Leões: os que hão de substituir-nos, os chacais, as hienas; e todos nós, leopardos, chacais e ovelhas continuaremos nos considerando o sal da terra”.

O mesmo acontecerá no século vinte com as classes médias assalariadas, que chamo também de tecnoburocracia ou de burocracia, em sua relação com a burguesia. Agora são os lobos e as raposas que substituem ou se juntam aos chacais e às hienas, ou, talvez, a animais menos fúnebres, porque não há porque aceitar o preconceito de D. Fabrizio contra a burguesia, nem porque adotar novos preconceitos contra as novas classes médias assalariadas. Em alguns países a nova classe assumiu o poder, como aconteceu na Rússia e na China. Em todos aumentou imensamente a sua participação no poder e na renda. Mas a burguesia não foi liquidada. Ou quando o foi, como aconteceu na Rússia, o regime acabou entrando em colapso. Nos demais países, podemos ter equilíbrios de poder diferentes entre as duas classes. Na China a burocracia continua dominante sobre a burguesia; nos Estados Unidos, estamos no extremo oposto. Mas há sempre uma associação de classes, uma cooptação de uma pela outra, ao mesmo tempo que o número relativo de participante das elites, que reparte entre si o excedente, não para de crescer. E com isso avança, inevitavelmente, a democracia.

Nesse processo histórico as classes dominadas jamais chegam ao poder. Aumentam, entretanto, a sua renda, e aos poucos vão sendo incorporadas na elite dirigente, que vai se ampliando. A longo prazo o processo só para, ou mesmo regride, quando o desenvolvimento econômico se estanca. No curto prazo, estamos assistindo todos os dias aos vaís e vens do poder entre classes, entre grupos sociais menores, entre setores das elites. Mas o processo geral é aquele genialmente descrito por Lampedusa: o da cooptação, o da aliança de classes. Para fazer mais forte o seu ponto ele radicalizou. Disse que tudo mudando nada mudava. Afinal tudo muda, mas muito lentamente.

DESPREZO OU COMPAIXÃO?

Para analisar *O Leopardo* no plano da ética, sinto-me menos seguro. Não tenho o conhecimento e o pensamento que seriam desejáveis. Mas arriscarei uma interpretação também nesse plano, porque acredito que talvez esteja nele o aspecto mais extraordinário tanto do livro quanto do filme.

Diante de D. Fabrizio estamos diante de um homem diferenciado e contraditório. De um homem superior. A perspectiva de Lampedusa nessa matéria é francamente aristocrática. Uma aristocracia que não é do sangue, mas das qualidades do indivíduo. O príncipe é um aristocrata, ou um homem superior, no sentido mais amplo do termo. Aqui não existe espaço para igualitarismo, seja de ordem cristã ou democrática. Os homens não são iguais nem perante Deus nem perante o Estado. Alguns, como o príncipe de Salina, são mais bem dotados. Vêm o mundo à sua volta com mais clareza, e com uma mistura de desprezo e compaixão. Percebem as fraquezas do mundo e as suas próprias. E as aceitam mais com tristeza do que com indignação. D. Fabrizio não é um super-homem. Não há nada da perspectiva nitzcheana na visão de Lampedusa ou de Visconti. Mas há claramente a idéia do homem excepcional, que busca o sentido da vida e das coisas à sua volta, sempre a partir de uma perspectiva pessimista, mas nunca de um ponto de vista linear.

Não há nada que mais aborreça Salina do que o pensamento linear. Ele é impietoso com o filho Paolo, quando, este, indignado se revolta com a adesão de Tancredi aos liberais. Paolo não compreendia a complexidade da situação. Só via os amigos e os inimigos. Os liberais eram os inimigos. Nada mais distante do pensamento do pai, que vê em Tancredi, com todas as suas ambigüidades, aquele que poderá salvar a aristocracia aderindo aos liberais para depois cooptá-los. E diz ao filho com dureza: “Melhor é fazer asneiras do que ficar olhando a caca dos cavalos. Gosto mais de Tancredi do que anteriormente”. A mesma atitude ele tomará mais tarde com o organista e companheiro de caçadas, Ciccio Tomeo, que declara sua fidelidade à monarquia dos Bourbons, e é repreendido pelo príncipe.

A complexidade do príncipe o leva, como toda grande figura, a ser contraditório. Ele admira Tancredi, que é capaz de perceber o sentido dos novos tempos e a eles rapidamente se adaptar, mas não deixa de considerar seu comportamento algo ignóbil. Aliás como o seu próprio em certos momentos, porque jamais perde o sentido crítico. Porque conserva sempre a

qualidade dos homens e das mulheres que conhecem a si mesmo: mantém sempre uma certa distância de si próprio, para poder observar-se com severidade, mas sem perder a atitude compassiva que também adota para com os outros.

Mas se seu pensamento é complexo, é também trágico. A vida só tem sentido na morte: “O verdadeiro problema é continuar a viver a vida do espírito nos seus momentos mais sublimes, os que mais se assemelham à morte”, nos diz Salina. Ele tem menos de 50 anos, mas já está velho. E possuído por um pessimismo que o imobiliza. Conforme nos diz Lampedusa, ele vivia em perpétuo descontentamento, contemplando a ruína de sua estirpe e de seu patrimônio sem dar mostra de qualquer atividade.

Este pessimismo trágico, entretanto, é contraditório. Sua passividade diante do destino é relativa. Sua admiração pelo sobrinho deriva, entre outras qualidades, do fato de que a seu ver “Tancredi tinha um grande futuro; poderia ser o porta-estandarte de um contra-ataque que a nobreza, sob novos uniformes, poderia desencadear contra o novo estado social”. Ora, quem tem essas esperanças, como quem sabe aceitar a nova ordem e a ela se ajustar, ainda que sem a ela jamais aderir plenamente, não pode ser tão incapaz de ação como supõe seu criador. Não há dúvida, porém, que ele opta antes pela imobilidade do que pela ação. Talvez porque ao ver tão claramente as mazelas do mundo, seu desagrado o faça julgar que não vale a pena intervir.

Nestes termos, pergunto-me: qual a ética do príncipe? Qual a sua arte de viver, que mais parece uma arte de não viver? Ou qual a sua estratégia de sobrevivência? Como ele usa o poder e as qualidades pessoais que lhe foram dados? Não é fácil responder a estas questões em relação a um personagem tão complexo e contraditório. Não é, certamente, a ética cristã da caridade; nem a ética política do poder, muito menos a burguesa do dinheiro. É sem dúvida uma ética aristocrática. E uma ética do desencanto. O mundo, e particularmente o seu mundo – a Sicília – estão cheios de miséria, de miséria real e de miséria de espírito. As pessoas são pequenas, o Rei Bourbon, D. Ferdinando, é a imagem da decadência; o burguês Calógero Sedàra é tão esperto político e hábil empreendedor quanto um indivíduo ridículo senão detestável; o sobrinho Tancredi é afinal um oportunista; Russo é desonesto ainda que capaz; sua mulher, a princesa Stella, é histérica e irritante mas por ele amada; a própria Angélica, por quem ele se encanta, é deliberada, cheia de cálculos. Entre todos os muitos personagens que rodeiam o príncipe apenas um, que “está longe de ser um imbecil” pode talvez ser por ele

considerado um seu igual – o Coronel Pallavicino – que, no entanto, é pelo príncipe visto como um desagradável representante da nova ordem.

Lampedusa, ao descrever o seu príncipe, no início do livro, afirma que ele sentia “desprezo pelos parentes e amigos”. Será isto mesmo? Terá sido Lampedusa justo com seu personagem? Não creio. Não há nada em D. Fabrizio que o aproxime do Lobo do Mar de Jack London. Este, sim, sentia desprezo pelos que o rodeavam, e pela humanidade em geral. Não é o caso do Príncipe de Salina. Sua ética é a do homem orgulhoso de si próprio e de sua estirpe, mas não é definitivamente a do super-homem: nele, não há um traço de soberba. Pelo contrário, o que define D. Fabrizio é a ética da compaixão. Ele é orgulhoso o suficiente para recusar o convite do novo soberano, transmitido pelo senhor Chevalley, para participar do novo Senado. Mas do alto de sua própria grandeza ele não despreza, nem sente pena dos seus semelhantes: ele tem compaixão por eles, é solidário com suas limitações.

Este fato fica especialmente claro no final do livro, quando o príncipe, vendo Tancredi e Angélica passearem pela grade festa do Príncipe de Ponteleone, avalia suas fraquezas, e, a partir daí, as fraquezas de todos. E sente, em um primeiro momento, tristeza, mas, logo em seguida “o seu desprazer cedía à compaixão por todos esses seres efêmeros que procuravam gozar do exíguo raio de luz que lhes era concedido entre duas trevas, antes do berço, após o último estertor. Como era lícito ser severo para quem, sabemo-lo, deverá morrer?” E conclui D. Fabrizio: “Sou talvez mais inteligente, sou certamente mais culto do que eles, mas somos da mesma criação, com eles tenho de solidarizar-me”.

A ética da compaixão é algo que sempre me fascinou. A palavra “compaixão” é muitas vezes mal compreendida. É com freqüência confundida com “pena”, embora esteja mais próxima da compreensão e da solidariedade. A compaixão é uma virtude, como tantas outras que eu poderia aqui enumerar. Mas de alguma forma está nela presente a nossa própria visão de nós mesmos e de nossos semelhantes, o que a torna tão contraditória e ambígua quanto estratégica para a vida social. A compaixão se contrapõe à intolerância, ao puritanismo, à rigidez moral. Reconhece as nossas próprias fraquezas e a dos outros, critica-as, mas não pode deixar de aceitá-las, de conviver com elas, e de esperar que, não obstante, ainda haja redenção para todos. É próxima mas diferente da solidariedade porque pressupõe, em quem a possui, um caráter diferenciado, uma consciência maior do que ocorre em sua volta, exatamente como

aquela que possuía D. Fabrizio, e porque pressupõe uma relação entre as pessoas antes emocional do que racional.

Não sei se esta ética, que Lampedusa explicita no final do livro, mas que está presente em todas as atitudes do príncipe – e que transparece em cada momento da grande interpretação que Burt Lancaster lhe deu no filme – explica bem o êxito desta obra. Certamente não o faz plenamente. Como toda grande realização artística, ela está aberta a múltiplas interpretações, todas eventualmente válidas. O fato, porém, de *O Leopardo* ter-me permitido sugerir esta perspectiva faz com que tenha para mim um significado muito especial, não apenas no plano estético e político, mas também ético.